



Análise do Discurso com Michel Foucault: pensar a Semiologia Histórica dentro dos estudos discursivos

Yuri Araujo De Mello

Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, Brasil.
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

E-mail: yuri.amello@gmail.com

É bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9823-8487>

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicidade:
Fluxo contínuo

Volume 4
Número 2

Recebido em: 11/09

Aprovado em: 13/10

Resumo

O presente artigo busca realizar um curto percurso teórico de modo a compreender as fundações da Análise do Discurso de linha francesa, por meio do gesto fundador de Michel Pêcheux, e a inserção de Michel Foucault dentro deste campo do saber. Assim, além de observar o papel do discurso, sujeito e da história, o presente artigo busca evidenciar a proficuidade que o pensamento de uma Semiologia Histórica veiculada por Courtine pode oferecer ao analista de discursos.

Palavras-chave: Análise do Discurso de linha francesa, Semiologia Histórica, Michel Foucault, Michel Pêcheux, Jean Jacques Courtine.

1 Prelúdio à uma discussão

Dentro dos estudos científicos da linguagem que atualmente são realizados em território brasileiro, são numerosas as áreas consolidadas e ricas e plurais são os diálogos que estas estabelecem com outras áreas e outros referenciais teóricos e metodológicos de lugares distantes, mas possíveis e passíveis de serem estabelecidas “pontes dialógicas”. Tal fato permite aventar que a Linguística é um ramo aberto, multifacetado e, principalmente, profícuo dentro das ciências humanas, constituído por várias linhas, também heterogêneas. Nessa acepção, dada a complexidade teórica e metodológica dentro dos estudos linguísticos em seu fazer científico, um dos ramos que mostra essa diversidade é o campo da Análise do Discurso.

No que tange ao campo que se convencionou chamar de Análise do Discurso, em seu surgimento na década de 1960 (GREGOLIN, 2003a; 2003b; 2005; 2006), a inomogeneidade desse corpo teórico já estava presente em suas próprias bases epistemológicas e que reverbera na quantidade de ramificações desse campo do saber, observáveis nas diversas tradições e leituras que possuem como principal objeto o signo problemático **discurso** (GREGOLIN, 2003b): a Análise do Discurso Crítica (com trabalhos que possuem como ponto de convergência as reflexões de Norman Fairclough), a Análise Dialógica do Discurso, ou Análise do Discurso de tradição russa (que possui como ponto de encontro as reflexões de Mikhail Bakhtin e outros autores que compõe o Círculo de Bakhtin), a Análise do Discurso de linha francesa (com reflexões de Michel Pêcheux, Dominique Maingueneau, Patrick Charaudeau, Michel Foucault dentre outros). A exposição dessas áreas não quer esgotar esse campo do saber a esses referenciais teóricos, o que tornaria a discussão simplista e generalizante, mas sim observar a heterogeneidade constitutiva desse lugar de enfrentamentos teóricos (GREGOLIN, 2003b). Nesse sentido, a partir das Análises do Discurso existentes hoje, em que essas linhas são insuficientes para descrevê-las, o presente labor pretende se debruçar sobre uma em especial: a Análise do Discurso de linha francesa de viés foucaultiano, com o objetivo de observar o importante papel desempenhado pelas reflexões de Michel Foucault dentro dos estudos discursivos atuais, de modo a explicitar sua importância para a Linguística.

2 Bases da AD: Michel Pêcheux e arte de viver nos entremeios

As origens do campo transdisciplinar que posteriormente ficou conhecido como Análise do Discurso de linha francesa, ou ainda AD, simplesmente, remete a meados dos anos 1960. Nesse momento a França presenciava o ápice do Estruturalismo Francês, pautado e desenvolvido a partir do *corte epistemológico* operacionalizado pelo genebrino Ferdinand de Saussure, que a partir da dicotomia

langue e parole e a seleção do objeto *langue* para compor a nova ciência com todo rigor teórico – a Linguística –, colocava à margem as instabilidades do sentido, o sujeito e a história¹.

Dessa maneira, já em fins dos anos 60, a Linguística foi marcada por uma intensa crise epistemológica em um contexto sócio-histórico também intenso. Com a delimitação do objeto e, principalmente, pelas leituras que foram feitas de Saussure, impediu qualquer possibilidade de se trabalhar a língua para além do nível da frase, do enunciado, das estruturas linguísticas. As problemáticas históricas que eram colocadas continuamente às ciências incitavam-nas a se movimentar para uma crítica à sociedade. Tornou-se necessária a revisitação do corte feito e os consequentes elementos deixados em suspenso naquele momento: a História, o Sujeito e o Discurso.

Com o intuito de se distanciar das evidências empíricas, presas na interioridade textual, o teórico-militante Michel Pêcheux elenca como elemento de suas preocupações o discurso, sempre construído a partir de hipóteses histórico-sociais, determinado e apreendido nas relações entre os sujeitos com a história. Tal é o princípio de construção do corpus discursivo: a condição de produção (histórica, social, econômica etc.) do discurso. Nesse sentido, segundo Malidier (2011, p. 21): “[...] um tal objeto discurso representava, no campo da linguística, um verdadeiro deslocamento”. Com isso, inaugura-se um novo campo do saber em que é proposto como objeto o próprio discurso, “cuja espessura opera a articulação entre o linguístico e o histórico” (GREGOLIN, 2003b), tonando como base do edifício teórico e metodológico da Análise do Discurso. Assim:

Todo campo do saber edifica-se pautado em um rigor teórico a partir da definição de aspectos metodológicos, e focaliza um objeto que lhe é específico. Para Análise do Discurso, enquanto disciplina, o próprio nome efetua referência a seu objeto de estudos: o discurso (FERNANDES, 2007, p. 10).

Desde sua fundação, a Análise do Discurso se configura como um campo transdisciplinar dentro de uma “Linguística do Discurso”, com uma relação estreita entre a Linguística e outras disciplinas. Pêcheux, em um artigo publicado com Catherine Fuchs (1975), delinea o quadro epistemológico da AD francesa, que se basearia nos seguintes campos do saber científico:

a) Materialismo histórico, que engloba teoria das ideologias, das formações sociais e suas transformações históricas que permitem movimentar as ideologias e interpelar os sujeitos em sociedade;

¹ Nota-se que há uma diferenciação entre a suposta e sacralizada ideia de exclusão saussuriana e suspensão. Acredita-se que Saussure não exilou efetivamente o sujeito e a história da Linguística, porque há uma certa noção de “indivíduo”, social, ou coletivo, e história, ou tempo. O que o genebrino operou foi uma escolha metodológica para a realização do trabalho de fundar uma ciência, uma estratégia metodológica.

b) Linguística, como uma teoria necessária à compreensão dos mecanismos sintáticos e semânticos dos processos de enunciação dos sujeitos e observação de como a materialidade linguística, atrelada ao materialismo histórico, podem produzir determinados efeitos de sentidos apreendidos socialmente;

c) Teoria do discurso, como uma teoria das determinações históricas que fornecem ao sujeito condições para produção de enunciações possíveis e efeitos de sentidos atualizados à sua prática e recuperáveis na história. Esta oferece um suporte para a descrição e interpretação desses efeitos de sentido. Esses três campos (materialismo histórico, linguística e discurso) ainda seriam atravessados por uma teoria sobre o sujeito;

d) Teoria do sujeito, baseada nas releituras feitas por Jacques Lacan da psicanálise desenvolvida a partir das teses de Sigmund Freud. Assim, a Análise do Discurso dos anos 1960, centrada principalmente nas figuras de Saussure, Marx e Freud, evidencia a íntima relação entre o linguístico e o histórico.

Em época de revisitações, revisões e reformulações teóricas, Pêcheux centrou seus estudos em quatro autores fundamentais que serviriam posteriormente para a consolidação do alicerce transdisciplinar da Análise do Discurso: Louis Althusser, com suas leituras das teses marxistas; Mikhail Bakhtin, com sua teoria sobre o caráter dialógico da linguagem e da heterogeneidade do discurso; Jacques Lacan, com suas leituras das teses freudianas em torno do inconsciente, em que explicita que este possui como base a linguagem; e, por fim, Michel Foucault, com suas reflexões sobre o funcionamento do discurso e do sujeito como produções históricas, sociais, políticas. Em suma:

O que se pode depreender do percurso de Michel Pêcheux na elaboração da Análise do Discurso é que ele propôs uma forma de reflexão da linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito. Ele exerceu com sofisticação e esmero a arte de refletir nos entremeios (ORLANDI, 1990, p. 7).

3 Michel Foucault na Análise do Discurso: da distância ao abrigo

São notórios, e alguns expressivos, os pontos que distanciam teoricamente Michel Pêcheux e Michel Foucault, principalmente com relação à teoria desenvolvida por Michel Pêcheux anterior aos anos 1980, época que marca um desencanto do teórico-militante com a política e pela insustentação teórica² quando, no cenário social, aparecem novas, complexas e fluidas materialidades, ponto em cheque o projeto da *Analyse Automatique du Discours* (AAD-69), livro que inaugura a análise do discurso, detendo-se ao discurso político. Porém, existem certas coincidências com relação ao funcionamento enunciativo. Gregolin (2006, p. 124) sintetiza ou, melhor, sumariza em três pontos significativos:

² Retomaremos essa discussão posteriormente no presente artigo.

a) Língua e discurso: a língua, considerada como um campo de virtualidades que possui uma materialidade de existência no discurso, compreendido como universo do acontecimento, ligado à história e ao poder, e que estabelece com outros discursos relações de sincronia, relacionam-se intimamente;

b) Relações enunciativas: os enunciados se relacionam uns com os outros de maneira a estabelecerem um conglomerado de dimensões múltiplas, mais ou menos estável à superfície, de circulação de sentidos repetíveis;

c) Discurso e sujeito: talvez este seja o ponto mais capital em ambas perspectivas teóricas. O sujeito que é inserido no discurso, perpassado por ele e, por suas práticas, o faz circular. Ele não é pensado como individual, fundador e origem do sentido. Ele é, antes, uma dispersão lugares pensados pela história.

Assim, acerca dos embates que a teoria de Pêcheux e de Foucault podem estabelecer, Courtine possui um importante papel neste período e nos rumos atuais da Análise do Discurso no Brasil. Ele teria criticado a noção de formação discursiva de Michel Pêcheux e propõe pensá-la à esteira de Michel Foucault: os discursos e suas formações como porosas e móveis. O teórico e epistemólogo poderia ser pensado como um gestor responsável por levar o pensamento foucaultiano para o centro da Análise do Discurso francesa.

É importante ter em vista que, diferente de Michel Pêcheux, Foucault nunca se propôs se inserir em uma determinada área do saber, nem muito menos inaugurar ou repousar no interior do campo que compreende a Análise do Discurso – ele era, antes, um pirotécnico, que caminhava por dentre os saberes científicos (e não científicos) e causavam pequenas explosões, cujas proporções, muitas vezes, movimentavam outras placas. Gregolin (2006, p. 156; grifo da autora) sintetiza:

“Assim, a partir de 1980, apoiando-se em Foucault e Bakhtin, os trabalhos de análise do discurso focalizarão a “discursividade” a partir dos fenômenos linguísticos (como as relativas e a coordenação) interrogando os limites da gramática, o ponto de passagem à ordem do discurso”.

Pode-se observar que os trabalhos de Michel Foucault ressoaram nos meios intelectuais do período como uma pista de mão dupla. Por um lado, a adesão da teoria sobre saber, poder, discurso e sujeito desenvolvida por Foucault se deu de maneira inquestionável pelos intelectuais franceses, o pensamento do filósofo, assim, seria “repaginada necessária”. Em contraponto, por outros, notadamente Michel Pêcheux, sua teoria foi consentida de maneira dosada, para quem o teórico se tornou um adversário estimulante. Para fins didáticos, a obra de Foucault pode ser dividida em três momentos (GREGOLIN, 2006):

a) Arqueologia do Saber: momento em que Foucault tenta entender as condições de emergência de discursos de saber em uma determinada época e como esses saberes objetivam e subjetivam sujeitos por meio de recortes históricos precisos (de longa, média e curta duração);

b) Genealogia do Poder: por meio de leituras de Nietzsche, principalmente, Foucault observa a articulação entre saberes (locais, descontínuos, não legitimados) e poderes na fabricação e controle de sujeitos em uma sociedade já pulverizada pelos micropoderes;

c) Genealogia da Ética (e Estética da Existência): momento em que Foucault analisa a “produção inventiva de si” (REVEL, 2005), ou seja, uma prática ética da produção de subjetividades. A ética refere-se a prática individualizada de como cada um constrói a si mesmo como sujeito moral por meio, justamente, de relações que o sujeito estabelece com outros sujeitos e dispositivos, como as imposições institucionais prescritivas advindas da família, igreja etc., de modo a obedecer um “código”, conjunto de regras impostas ao sujeito para que ele possa se relacionar com os outros sujeitos e, principalmente, consigo mesmo, em sua (condição de) existência. Além disso, dentro deste quadro repousa a noção da invenção estética de si, de tornar ou fazer da própria vida uma obra de arte. Nesse sentido, Gregolin (2006, p. 58) facilita a compreensão ao sintetizar precisamente a noção de sujeito para Michel Foucault: “o sujeito é, portanto, o lugar para onde Foucault olhará na construção de sua obra. Ele é seu objeto, seja enquanto objeto de saber, seja enquanto objeto de poder, seja enquanto objeto de construção identitária [...]” (GREGOLIN, 2006, p. 58).

No período que se convencionou chamar de arqueológico, momento da obra foucaultiana em que o autor (e)labora um método de análise de discursos, dentro do qual se discute sobre os estatutos dos saberes por meio de um jogo íntimo com o poder, pode-se notar que há a redefinição do objeto da história, não mais tomada de maneira documental (documento histórico). A monumentalização dos objetos da história em Foucault, em diálogo com historiadores da Nova História, a materialidade histórica pôde ser tomada sob diferentes pontos de vista, diferentes sentidos puderam ser delineados no pilar de olhares e discursos heterogêneos. O enunciado, grosso modo visto como a unidade discursiva, não mais se restringiria à materialidade linguística, nem outra própria unidade delineada e fechada, mas por meio da qual se estabeleceriam redes de relações com enunciados e discursos outros, em uma complexa – e nem sempre tão evidente – rede discursiva.

Pensar nas redefinições do conceito de história não é tão fácil, principalmente quando este conceito é olhado a partir de uma determinada corrente do olhar. As relações que se estabeleceram entre a História e o olhar, neste caso do estruturalismo, não se deram sem grandes problemáticas, principalmente quando este gorjeou o canto do cisne e “cantou” um novo campo do signo, mas que continuam a dar seus ecos na atualidade – ainda se podem encontrar, no campo estratégico de batalha travada entre estruturalistas e historiadores, alguns resquícios e escombros.

Segundo Michel Foucault (2000), no texto intitulado “Retonar à História”, o autor evidencia que o estruturalismo não se tentou desviar da história, combatê-la ou negá-la. Ao contrário, pretendeu-se oferecer às pesquisas históricas um método

mais sistemático, aplicáveis a muitas áreas do saber (como na Linguística, Biologia, Antropologia, Etnologia, Literatura etc.), um olhar com todo seu rigor científico para as ciências humanas. Tal fato tornaria cabível pensar em uma sociedade de maneira estrutural, cujos elementos constituintes podem ser aplicados e generalizados. Instala-se uma economia científica, que ultrapassa o indivíduo, “[...] o estruturalismo não leva em conta a liberdade ou iniciativa individual [...]” (FOUCAULT, 2000, p. 285) e abrange o máximo de objetos possíveis. Entretanto, entre a maioria de seus adversários, em comum acordo, reconheciam que “[...] o estruturalismo tinha desconhecido a própria dimensão da história e ele seria de fato anti-histórico” (FOUCAULT, 2000, p. 284). Isto marcou o declínio do império estruturalista em uma época que se precisava sair das estruturas – afinal, “as estruturas não saem às ruas”³.

A declividade estrutural causada pelas determinações históricas e políticas permitiram novas configurações do olhar para este objeto um tanto complexo – muito mais do que se pensava até então. Tornar viva a totalidade do passado, visto como episódios sequenciais e consequenciais das sucessividades teleológicas coerentes foram deixadas de lado. Nesse sentido, “[...] uma análise é estrutural quando ela estuda um sistema transformável e as condições nas quais suas transformações se realizam” (FOUCAULT, 2000, p. 290). Assim, não mais cabia pensá-la como um sistema fechado das estabilidades. A história não mais é vista sob a égide do tempo e do passado, mas da mudança e do acontecimento. Uma história serial.

Em uma pesquisa histórica que se propõe serial, os acontecimentos e os conjuntos de acontecimentos históricos constituem o tema e o objeto central de análise. Dessa maneira, o delineamento do corpus não seria uma categoria prévia ao trabalho do analista histórico, marcada por divisões em períodos, épocas, formas de cultura etc., mas teria como pressuposto teórico a noção de que a história é construída de ditos, não-ditos e meio-ditos (ou parcialidades, em um jogo de aparências e invisibilidades), pelas opacidades documentais, por acontecimentos e dispersões destes acontecimentos naquilo que se pode chamar história.

O trabalho deste analista do discurso que possui como ponto de encontro o discurso e história, é encontrar um certo número de relações desta concepção de nova história. Por esse ângulo:

[...] A história serial permite de qualquer forma fazer aparecer diferentes estratos de acontecimentos, dos quais uns são visíveis, imediatamente conhecidos até pelos contemporâneos, e em seguida, debaixo desses acontecimentos que são de qualquer forma a espuma da história, há outros acontecimentos invisíveis, imperceptíveis para os contemporâneos, e que são de um tipo completamente diferentes [...] (FOUCAULT, 2000, p. 291).

³ O enunciado “as estruturas não saem às ruas” é indiciário de um período de instabilidades e movimentos sociais que a França passava, notadamente ao que ficou conhecido como Maio de 68, momento em que estudantes ocuparam as ruas para manifestarem suas demandas.

O ordenamento de um conjunto de fatos, coisas e objetos dispersos, mas que não são iguais, mas análogos, permitem visualizar as interações sociais de maneira diferente do que se fazia até então. A “ruptura decisiva” com a coesão histórica eleva as práticas dos sujeitos ao nível de episódios da história, ou das histórias. A importância não é dada somente à morte de um rei e sua sucessão, ou do “descobrimento” de um país, mas sim a uma certa inversão econômica, ao aumento do consumo de proteínas, à elevação da taxa de natalidade de um país, ao navio que aporta ao cais, aos acontecimentos e ao sujeito movido por seus desejos, sua ética, suas subordinações e resistências, sujeito que é invisível para uma história das sucessões tranquilizadoras. Em síntese:

A História tradicional, em sua linearidade, é uma forma de proteger a soberania do sujeito e as figuras gêmeas da antropologia e do humanismo. Aliando-se a teorias (da psicanálise, da linguística, da etnologia) que descentraram o sujeito em relação às leis de seu desejo, às formas de sua linguagem, às regras de sua ação, ou aos jogos de seus discursos míticos e fabulosos. Foucault propõe que a História (olhada em sua dispersão e descontinuidade) não seja mais o lugar do repouso, da certeza, da reconciliação – do sono tranquilizado (GREGOLIN, 2006, p. 165).

A história não mais é tomada como um conjunto coeso e coerente de sucessividades consequenciais das práticas humanas, dos grandes eventos históricos, exclusivamente. Ou seja, não é vista mais sob o ponto de vista de uma única e grande continuidade dos eventos considerados “mais importantes” em detrimento de uma descontinuidade aparente e renegada. Ela é vista, a partir de então, como um emaranhado de descontinuidades sobrepostas, latentes e concomitantes, dos eventos conflituosos, tortos, das práticas dominantes, dominadoras, mas também das dominadas, que também dominam e resistem à dominação. A história do presente, do cotidiano e da história de longas durações:

A história não é, portanto, uma duração; é uma multiplicidade de tempos que se emaranham e se envolvem uns nos outros. É preciso, portanto, substituir a velha noção de tempo pela noção de [...] durações múltiplas, e cada uma delas é portadora de um certo tipo de acontecimentos. É preciso multiplicar os tipos de acontecimentos como se multiplica os tipos de duração. Eis a mutação que está em vias de se produzir atualmente nas disciplinas da história (FOUCAULT, 2000, p. 294).

Nesta esteira, desde conceito de nova história em congruência com as reflexões desenvolvidas por Michel Foucault, principalmente com relação a sua empreitada de realizar um diagnóstico do presente, Courtine, junto a pesquisadores brasileiros, tais como Maria do Rosário Gregolin, Carlos Piovezani, Vanice Sargentini entre outros, tracejam os desdobramentos atuais da Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente a que se baseia nas reflexões de Michel Foucault e outros autores. Pensa-se na hipótese do surgimento de uma Semiologia História dentro das pesquisas discursivas.

No início dos anos 80, principalmente com a publicação da do número 62 da revista *Langages* com estudo realizado por Jean-Jacques Courtine *Le discours*

communiste adressé aux chrétiens (COURTINE, 2009), o autor evidencia uma transformação na circulação do discurso político. Com as mudanças e desenvolvimentos de tecnologias midiáticas, as veiculações das práticas dos sujeitos tornaram-se mais performáticas, a veiculação do verbal, acompanhado da imagem dos políticos, dos gestos, vestimentas, olhares. Uma nova sintaxe é construída, cujos elementos não se restringem à ordem daquela noção de língua surgida no início do século XX e continuada pela empreitada estruturalista. O crivo da imagem provoca novos tremores e movimentações à Análise do Discurso francesa. Desse modo:

[...] desde o início dos anos 80, a História e a Linguística levaram a AD para novos caminhos – a História, impondo novas reflexões sobre o corpus; a Linguística trazendo elementos novos sobre a heterogeneidade da linguagem [...] (GREGOLIN, 2006, p. 184).

Em um texto publicado por Michel Pêcheux em prefácio à dissertação de Jean-Jacques Courtine publicada na *Langages*, número 62, sob o título de “O estranho espelho da Análise do Discurso”, é texto de grandes retificações e revisadas teóricas à AD. Neste momento, teóricos abordam que o militante Pêcheux teria sofrido um duplo desencantamento. O primeiro seria de ordem política, com relação ao Partido Comunista Francês que, no momento das eleições presidenciais, houve uma desarticulação da esquerda francesa e a própria desarticulação de Pêcheux do partido. E outra de ordem teórica.

Em sua fundação, o projeto teórico da Análise do Discurso de linha francesa possui uma dupla função, as quais se determinavam mutualmente: de um lado encontrava-se o desenvolvimento de uma nova teoria linguística que pudesse problematizar o funcionamento da língua e, de outro, como um modo de ler as transformações sociais, políticas e históricas que aconteciam na atualidade. Ao eleger o discurso político escrito como objeto de investigação discursiva, o científico e o político tornaram-se dois lados de uma mesma moeda. A teoria, surgida da confluência entre a ciência e a política, é, a partir de então, um modo de intervenção político-social apostado pelo embasamento científico, “neutro”, cujo movimento pendular faz com que a política reflita a política dentro de uma ciência.

Esse percurso de ida e retorno produziria um jogo de espelho, ou um estranho espelho, entre a superfície aparente da obviedade textual, em que se poderia explicar um texto a partir de um dispositivo sofisticado de leitura, com um método rigoroso e preciso de análise – rotulada de Análise (automática) do discurso –, e a política partidária (da esquerda) sustentada pela ciência. Porém, a homogeneidade do corpus analítico para o funcionamento dessa maquinaria de leitura não supria a necessidade nem a complexidade dos objetos que apareciam no contexto social. Era necessário, então, considerar as heterogeneidades discursivas que permitiriam recuperar os fios contraditórios e conflituosos que produzem a história.

A análise do discurso deve, então, descrever as diferentes heterogeneidades materiais do discurso e interpretá-los em seus diferentes domínios de formulação e circulação na sociedade, em que produzem efeitos de sentidos advindos, principalmente, da dubiedade necessária ao funcionamento dos enunciados: o **intradiscurso**, que poderia ser compreendido como a própria materialidade que dá

corporeidade ao discurso, e o **interdiscurso**, a história e a memória social que oferta às materialidades determinados sentidos a serem apreendidos nas práticas dos sujeitos em sociedade. Pêcheux, assim, propõe-se a observar os efeitos de um real histórico a partir dessas considerações e um real da língua, a partir do entendimento dos mecanismos sintáticos, linguísticos das materialidades verbais escritas. Era necessário, pois, despedaçar o espelho, torná-lo em cacos, fragmentos, para que, ao invés de observar os objetos através dele, por reflexos às vezes embaçados, pudessem ser vistos diretamente, sem muros, sem espelhos.

Podia-se então observar a partir de agora como “[...] a linguagem significa na história [...]” (SARGENTINI, 2011, p. 34). A partir do imperativo de que era chegado o tempo de partir os espelhos na Análise do Discurso, Courtine (1999), com sua análise das práticas políticas na contemporaneidade, observa que o discurso possui uma heterogeneidade constitutiva. A leitura que o autor faz sobre a noção de formação discursiva (ou FD) e sobre o interdiscurso (presente no livro Arqueologia do Saber, de Michel Foucault), Courtine mostra como os enunciados são divididos dentro de uma FD, também heterogênea, pois “[...] uma formação discursiva é sempre assombrada pelo seu antagonista [...]” (GREGOLIN, 2011, p. 24). Nesse sentido, em contraponto à noção homogeneizante dos corpora, fortemente pautadas em teses althusserianas, Courtine, em sua prática de ler com Foucault, observa que os discursos é o lugar da contradição. Segundo Courtine (1999, p. 179):

[...] A contradição é um princípio de incompatibilidade, uma lei que rege a derivação e a coexistência dos enunciados. Como os sentidos são divididos por essa existência da contradição, toda formação discursiva é um espaço de dissensões múltiplas, um conjunto de oposições cujos níveis e papéis devem ser descritos. Analisá-las é definir a forma que assumem, as relações que estabelecem entre si e o domínio que comandam. Em suma, segundo Foucault, ao levar em conta essa existência incontornável da contradição, o analista consegue apreender o discurso em suas asperezas múltiplas.

Pela ótica do autor, a contradição não seria aquilo que distanciaria os enunciados de um mesmo espaço de funcionamento, colocando-os em polaridades, ela é, antes, um conceito operatório para as análises das materialidades, que devem ser descritas, analisadas e interpretadas. A contradição, pois, revela os jogos em que os discursos se envolvem para a produção de efeitos de sentido. Assim, é notória a interlocução que Courtine possui com Michel Pêcheux e, mais evidentemente, com Michel Foucault. Deste, a principal noção de que o autor se servirá será a de enunciado posto na arqueologia foucaultiana. Grosso modo, Michel Foucault, o enunciado é:

- a) Singular e repetível, de um lado é um gesto e de outro se liga a uma memória;
- b) Envolve-se em uma rede de outros enunciados, anteriores e posteriores;
- c) Produz-se na ordem do acontecimento. “[...] O acontecimento é pensado como emergência de enunciados que se inter-relacionam e produzem efeitos de sentido [...]” (GREGOLIN, 2011, p. 26).

Dessa maneira, os estudos de Courtine caminham na direção em que se dedica à análise das materialidades discursivas que estão para além daquelas que se baseiam estritamente nas materialidades linguísticas escritas, como encarado por Pêcheux. Ele se ocupará, sobretudo, das línguas de vento pelos suportes midiáticos, pelos discursos ordinários, prosaicos, cotidianos. Com transformações tecnológicas e sociais que se fez presente principalmente a partir dos anos 80, notadamente as mudanças nas técnicas audiovisuais de comunicação, as línguas de madeira (herméticas e duras) do direito e da política foram associadas às línguas de vento (flexíveis e fluidas) das mídias. Tal associação metamorfoseia a fala pública e, conseqüentemente, o *homos politicus*.

Inserido a partir de agora na fluidez da modernidade e do descentramento da pós-modernidade, sua fala, seu corpo, seus gestos tornam-se um recurso para produção e veiculação de efeitos de sentido. A fala não é mais aquilo que é produzido pelo aparelho fonador, mas seu corpo, seus gestos, suas roupas e todos os elementos semiológicos. Assim, a Análise do discurso precisa se reorientar e incorporar:

a) Uma pragmática do discurso: que possibilite analisar a recepção e a circulação;

b) Uma semiologia histórica: análise de materialidades sincréticas em sua espessura histórica.

Pensar em uma Semiologia Histórica em diálogo com o campo que compreende a Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente a que se elabora a partir das reflexões de Michel Foucault, é o mesmo que se inserir em um domínio teórico conflituoso e profícuo. Levar em consideração as problemáticas que os objetos contemporâneos impõem a AD hoje é, também, repensar no problema da análise da linguagem, que se estende a outros domínios que não são contidos pelo fechamento sistemático, pela elaboração de um instrumento de exame do presente, este analisado por meio de suas materialidades concretas. O ponto de partida é as problematizações que se referem às positivities imagéticas capturadas a partir das lentes dos estudos da linguagem. Pela consideração de que as imagens possuem uma natureza antropológica e histórica, elas estabelecem relações dentro de uma trama de associações, que atualizam redes de memórias construídas socialmente e historicamente. Neste sentido, Gregolin (2008, p. 21) sintetiza:

A semiologia histórica proposta por Courtine nos mostra que, por movimentos de intericonicidade, as imagens travam um embate com a memória, fazem deslizar a tradição e instalam outros sentidos: nessa tensão dialética entre o dado e o novo as significações fulguram como um lampejo que só pode ser apanhado na transitória aparição do acontecimento discursivo.

Poder-se-ia entender a memória como aquela entendida pelos teóricos da nova história e que também se encontra presente nos trabalhos de Courtine. Ela seria um conjunto complexo, pré-existente ao acontecimento de um enunciado e exterior ao sujeito, quem não consegue mais conter os sentidos. Estes enunciados

formam um campo de associações com outros enunciados, uma verdadeira série de “tecidos de índices legíveis” (GREGOLIN, 2006, p. 157), que constitui um corpo social e histórico de traços, ou seja, ela constrói uma memória discursiva. Nesta perspectiva, “[...] é a partir da *Arqueologia do saber* (FOUCAULT, 1969), que propõe uma redefinição do documento enquanto monumento e do enunciado enquanto nó de uma rede [...]” (GREGOLIN, 2006, p. 157; grifo da autora).

A Semiologia Histórica pensada por Courtine e desenvolvida dentro do campo da Análise do Discurso busca responder às problemáticas atuais que se impõem a este campo do saber: como analisar objetos tão híbridos e complexos como os textos midiáticos contemporâneos, que são construídos pela articulação incessante e frenética de linguagens diversas, como materialidades imagéticas, textuais, sincréticas, áudio- visuais etc., em um espaço tão fluido como as mídias? Por meio da relação que as imagens mantêm uma com a outra e esta relação com a memória social, esses enunciados revogariam o direito do seu acontecimento, que os singularizam em sua atualidade por abrir feixes na história. Eles deslizam sentidos que possuem uma tradição, por isso recuperados, mas não necessariamente são os mesmos, as condições de sua aparição os transfiguram, os individualizam nestas redes de memória, uma memória visual. Courtine, então, promove movências teóricas e metodológicas para a elaboração do conceito de intericonicidade, uma interdiscursividade de natureza imagética pelo fato de que “[...] toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e esta cultura supõe a existência junto ao indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens onde toda imagem tem um eco. Existe um “sempre já” da imagem [...]” (COURTINE, 2013, p. 43). Assim, o autor não estaria colocando a Análise do Discurso e Michel Foucault – pela noção de enunciado – lado a lado. Ele estaria (re)lendo Foucault dentro do campo que compreende a Análise do Discurso, ou, mais especificamente, analisando discursos com Michel Foucault, “[...] em um sentido onde o discurso tanto pode ser um fragmento de imagem quanto uma centelha de linguagem [...]” (COURTINE, 2013, p. 42).

O autor privilegiaria a análise das discursivizações do corpo dentro de uma Semiologia Histórica, em que se pretende analisar as transformações das representações do corpo ao longo da história a partir dos indícios por ele deixados. Gregolin (2011, p. 31) observa que as transformações técnicas dos meios audiovisuais serão responsáveis pelas mutações do corpo e, conseqüentemente, nas representações dos sujeitos “[...]”. Isso evidencia sua ligação com o discurso, com a memória, com a cultura, ligando-se com o verdadeiro de cada época. Em resumo, trata-se de “[...] converter os indícios que libera o percurso do olhar sobre o corpo em signos, pela enunciação de um discurso que atribui aos caracteres percebidos um estatuto significante, dotando-os de um sentido [...]” (COURTINE, 2013, p. 49).

Na conversão de indícios, de elementos mínimos significativos em signos, estamos lidando, sobretudo, com a materialidade não do linguístico verbal, escrito, mas com a materialidade da linguagem que a partir de uma pensamento discursivo sobre este objeto complexo da Linguística, os sentidos podem ser percebidos, descritos e analisados: “[...] O saber é deste fato uma combinação de visível e de enunciável de cada momento histórico [...]” (COURTINE, 2013, p. 58).

4 À guisa de uma conclusão

O presente artigo pretendeu pontuar que a inserção de Michel Foucault e seus leitores dentro do campo da Análise do Discurso francesa remontada à atualidade é tomar para si a tarefa de se debruçar sobre um objeto crivado e aberto pelos processos históricos que conferem a ele uma cortina semântica de retalhos costuráveis e descosturáveis. É colocar à lâmina de análise as práticas de sujeitos na história enquanto sujeitos históricos possibilitados por ela, mas não totalmente cerceados pela mesma ou dela serem completamente passivos. É observar e compreender a historicidade das novas materialidades do discurso, e seu funcionamento, que conferem a este objeto possibilidades de existência e de se dinamizar, de ser apreensível e incontido. É olhar para o principal elemento que constrói os principais objetos da área da Análise do Discurso de linha francesa com Michel Foucault (o discurso, o sujeito, a história): a linguagem.

Referências

- COURTINE, J. J. *Análise do Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- COURTINE, J. J. O discurso inatingível: marxismo e linguística (1965-1985). *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras da UFRGS*. Porto Alegre, n° 6, p. 5-18, abr. jun. 1999.
- COURTINE, J-J. *Decifrar o corpo*. Pensar com Foucault. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2008a.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Forense Universitária, 2008c.
- FOUCAULT, M. Linguística e ciências sociais. In: _____. (org.) *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento: Ditos e Escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000b.
- GREGOLIN, M.R. J-J Courtine e as metamorfoses da análise do discurso: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, V. et ali. *Discurso, Semiologia, História*. São Carlos: Claraluz, 2011.
- GREGOLIN, M.R. AD: descrever-interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, P. (Org.). *Estudos do Texto e do discurso*. Mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 19-34.
- GREGOLIN, M. R. Identidade: objeto ainda não identificado? *Estudos da Linguagem*. Vitória da Conquista: UESB, 2007.
- GREGOLIN, M.R. Bakhtin, Pêcheux, Foucault. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 33-52
- GREGOLIN, M.R. Michel Pêcheux e a história epistemológica da Linguística. *Estudos da língua(gem)*. Vitória da Conquista: UESB, n°1, 2005, p.99-111.
- GREGOLIN, M. R. (org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003a.
- GREGOLIN, M.R. Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C.; SANTOS, J.B. (org.). *Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: UFU, 2003b.
- MALDIDIER, D. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da análise do discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. In: SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. *Legados de Michel Pêcheux*. São Paulo: Contexto, 2011.
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1990)
- PÊCHEUX, M. *Discurso: Estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2000.
- PÊCHEUX, Michel (1969). Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET & HAK (org). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990, p.61- 162.
- REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

Discourse Analysis with Michel Foucault: reflect the Historical Semiology inside of discursive studies

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicity:
Fluxo contínuo

Volume 4
Number 2

Received in: 11/09

Approved in: 13/10

Abstract:

This paper aims to do a short theoretical path understanding the French Discourse Analysis' foundation through Michel Pêcheux, and the insertion process of Michel Foucault's thought inside this knowledge field. Therefore, Besides observing the discourse, the history and the subject, this paper aims to show the productivity of the Historical Semiology served by Coutine afford to the analysts of discourses.

Keywords: French Discourse Analysis; Historical Semiology, Michel Foucault, Michel Pêcheux, Jean Jacques Courtine.